



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

Intervenção do Ministro da Defesa Nacional

José Pedro Aguiar-Branco

**Seminário Internacional “European Defense in the Context of
the European Council of December”**

Instituto de Defesa Nacional

Lisboa, 16 de outubro de 2013

Só são válidas as palavras proferidas pelo orador

Minhas senhoras e meus senhores,

É para mim uma grande honra estar aqui hoje, na sessão de abertura deste seminário dedicado à Defesa Europeia no contexto do Conselho Europeu de dezembro.

Trata-se de uma iniciativa que considero oportuna, importante e útil.

Oportuna, porque estamos no momento certo para debater este assunto: estamos a cerca de dois meses do Conselho Europeu e já estamos na posse da versão final do relatório da Alta Representante Catherine Ashton.

Este documento aponta uma série de caminhos em diferentes áreas, que vão seguramente influenciar o projeto de conclusões que será, em dezembro, aprovado pelos Chefes de Estado e de Governo.

Importante, porque no mundo de hoje, a Europa (o Ocidente) está a perder peso relativo. E é neste contexto que aos líderes dos países europeus é colocado o seguinte desafio: encontrar soluções inovadoras, que permitam defender os seus interesses e valores, apesar do grande desinvestimento a que são forçados os orçamentos da defesa nos Estados membros.

Útil, porque as ideias expostas pelos especialistas nesta área poderão ajudar a consubstanciar e a enquadrar as posições nacionais.

Portugal tem vindo a contribuir ativamente para o debate em curso sobre defesa europeia, com propostas concretas para cada um dos clusters em análise (PCSD; capacidades; indústria).

Um contributo que considero particularmente importante foi feito em conjunto com Espanha e Itália, num documento assinado pelos Ministros da Defesa destes três países, em agosto passado.

Tratou-se de uma reação à comunicação da Comissão sobre Indústrias de Defesa e à versão preliminar do relatório da Alta Representante. Apraz-me assinalar que as nossas posições foram, na generalidade, bem acolhidas na versão final do relatório.

Permitam-me, ainda, uma nota sobre algumas das posições que temos vindo a defender, de forma a alimentar a discussão de hoje e de amanhã:

- 1) a necessidade de dar um impulso político à elaboração de uma Estratégia Europeia de Segurança Marítima;
- 2) a necessidade de se encontrarem soluções alternativas inovadoras e realistas de financiamento dos Battlegroups, com vista à sua empregabilidade;
- 3) o desenvolvimento de projetos de Pooling and Sharing, de modo a ajudar a responder às lacunas dos Estados membros em termos de capacidades;

4) uma participação adequada das PME num mercado de defesa europeu;

5) e, por fim, o potencial da standardização e da certificação na cooperação e interoperabilidade entre Estados membros.

Deixo-vos um último repto: pensem, também, no PÓS-CONSELHO EUROPEU. Estamos numa fase propícia para isso.

E permitam-me que sugira que o façam sob dois ângulos: o da operacionalização das conclusões de dezembro e o da manutenção de um debate aceso sobre defesa comum, que é, a meu ver, uma matéria nuclear para a afirmação do projeto europeu que desejamos irreversível.